

TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA NEGRA EM PELOTAS: QUILOMBO DO ALGODÃO – LASTROS DO TEMPO

ELIZANDRA ROLOFF PERES¹; HELENA SANTOS XAVIER AMARAL²; DENISE MARCOS BUSSOLETTI³

¹*Universidade Federal de Pelotas – elizandrarperes@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – amaralhelena1301@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O grupo PET Fronteiras: Saberes e Práticas Populares, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), desenvolve ações de ensino que articulam a formação acadêmica com os saberes populares e ancestrais. A proposta “Visitas Técnicas – Territórios da Memória Negra”, prevista no plano de trabalho de 2025, compreende o território como um espaço pedagógico, político e simbólico de disputa e reinscrição de outras histórias possíveis. Este trabalho é produto de uma dessas visitas, realizadas pelo grupo em março de 2025 ao Quilombo do Algodão, localizado no 4º Distrito, na Colônia São Francisco, município de Pelotas (RS).

Inspirados nos ensinamentos de Nego Bispo, na poética de Conceição Evaristo e na Pedagogia da Mironga, de Dilermando Freitas, buscamos caminhar por trilhas que rompem com os referenciais colonizadores da educação. Quando Nego Bispo afirma que “nós somos começo, meio e começo”, evoca uma temporalidade própria dos povos afrodescendentes — circular, ritualística, de retornos e reencantamentos, uma pedagogia contracolonizadora que se sustenta na confluência de saberes e na biointeração com os territórios. Conceição Evaristo, possibilita algo que pode ser defendido como uma contracolonização poética, onde a poesia e a literatura são formas de desconstrução das narrativas hegemônico-heimenianas, marcada pelo silenciamento da mulheres negras. Já Dilermando Freitas, mestre griô, músico e educador da cidade de Pelotas, propõe a Pedagogia da Mironga, na qual o conhecimento se constrói por meio da oralidade, da escuta, do segredo e da convivência (FREITAS, 2025).

A visita técnica ao Quilombo do Algodão teve como proposta, a realização de vivência educativa que conjugasse o tempo da memória. Neste percurso, o que se

pretendeu foi que a experiência educativa estivesse aberta para a desterritorialização dos olhares e sentidos, possibilitando uma reflexão crítica e compartilhada através das histórias que resistem através das pessoas, das narrativas e do espaço do Quilombo.

2. METODOLOGIA

A atividade foi planejada como uma ação de ensino, com caráter indissociável da pesquisa e da extensão. A metodologia adotada ancora-se nos diálogos com a etnografia surrealista (CLIFFORD, 2002 e BUSSOLETTI, 2007), adaptada aos propósitos da experiência educativa em foco. Resumidamente a proposta possui como base quatro pontos: a unidade entre ética, estética e política de transformação comprometendo conhecimento com mudança social, o reconhecimento do protagonismo dos sujeitos históricamente marginalizados, promover a autoria crítica e insubmissa do conhecimento, incorporando, sonho, paixão e invenção como antídotos ao empobrecimento narrativo e fazer do processo de aprendizagem um exercício de reflexividade e inovação, utilizando técnicas como montagem, fragmentação e o exercício do inacabado e das poéticas e estéticas criativas (FREITAS, 2025).

Tomamos como base os cinco elementos propostos pelo Mestre Griô Dilermando Freitas na Pedagogia da Mironga: pessoas, lugares, espaços, saberes e segredo. Cada um desses elementos foi mobilizado como princípio organizador da escuta e da construção de narrativas. As crianças do quilombo, os pássaros a paisagem, o cemitério cercado por árvores centenárias, entre outros elementos compuseram o cenário do encontro.

Para fins deste trabalho enfocaremos nos registros fotográficos e poéticos que foram realizados na ocasião, sob a autoria da petiana Elizandra Peres. As fotografias foram feitas através de uma câmera Canon T6i, utilizando lentes 18-55mm e 55-250mm. A coleta dos registros foi orientada privilegiando a fragmentação, a estética do inacabado e a invenção poética. Assim, as fotos foram pensadas como fragmentos do tempo, capazes de provocar reflexão sobre as narrativas dos sujeitos e os elementos que compuseram o espaço do encontro — pessoas, lugares, saberes, segredos e espaços, conforme os princípios da Pedagogia da Mironga do Mestre Griô Dilermando Freitas.

As imagens, juntamente com os fragmentos poéticos formam o que denominamos de ensaio poético-visual de forma virtual disponível no site do Pet Fronteira, posteriormente divulgado.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A experiência da visita revelou o potencial formativo de ações que deslocam o centro do saber acadêmico para os territórios de vida e resistência. A visita ao Quilombo constituiu-se como experiência formativa que ultrapassou o simples registro factual para se afirmar como um exercício de produção crítica e narrativa.

O encontro com o território, suas memórias e práticas cotidianas revelou-se central na construção do ensaio poético-visual como um convite ao deslocamento do olhar para o Quilombo como um espaço vivo de resistência, cujas histórias desafiam o silenciamento e a invisibilidade a que foram historicamente submetidas.

A produção do ensaio não deve ser entendida como apenas um produto final, mas como parte do processo de formação continuada. A escrita e as imagens, quando articuladas, procurar ressoar como uma prática de luta contra o empobrecimento narrativo da modernidade capitalista. Cada fragmento em imagem e em poética, busca fortalecer a dimensão coletiva da memória, ampliando a visibilidade dos sujeitos que protagonizam uma história própria. Tal como a figura abaixo sugere:

FIGURA 1 – LASTRO DO TEMPO (CEMITÉRIO QUILOMBOLA)



4. CONSIDERAÇÕES

Pelotas é uma cidade negra. Mas essa é uma verdade que ainda resiste abafada pelas madrugadas úmidas de inverno. Por aqui, o que mais se fala é da beleza dos casarões, dos barões e de seus impérios, doces como o charque feito através do processo de escravização da carne negra. E muito pouco é dito, ou mostrado, por exemplo, sobre a memória dos corpos que moldaram, nas suas coxas, a argila das telhas que deram forma aos telhados coloniais das casas, nem sobre a memória dos negros que sustentaram a economia cruel das charqueadas (FREITAS, 2025, p.44).

As alterações e deslocamentos gerados pela experiência da visita e pela elaboração do ensaio permitem afirmar que o trabalho se constituiu como gesto de insurgência narrativa. Ao valorizar a memória quilombola, através da poética das imagens, como fonte legítima de conhecimento, a atividade procurou reforçar a centralidade da luta contra o apagamento e a invisibilização, oferecendo ao mesmo tempo espaços de escuta e reconhecimento.

Formar criticamente, nesse contexto, significa aprender com as marcas do território, reconhecendo nos sujeitos quilombolas a potência de uma história própria, inscrita em práticas de resistência e continuidade. Por óbvio que a visibilidade alcançada não se dá apenas pela publicação ou circulação do ensaio, mas sobretudo pela força que o processo adquiriu enquanto prática pedagógica, na qual se aprende a reencontrar com outras histórias e narrativas, que não as hegemonicamente instituídas.

Dessa forma, a visita e o ensaio poético-visual não se encerram em si mesmos, mas apontam para uma continuidade necessária: sustentar práticas que combatam o empobrecimento da experiência narrativa e reafirmem a educação como campo de luta e de produção de memórias vivas. No sentido daquilo que Evaristo melhor pontua quando diz que:

Os homens constroem
no tempo o lastro,
laços de esperanças
que amarram e sustentam
o mastro que passa
da vida em vida.
(EVARISTO, 2017, p.18)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, Nego, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significados.** Brasília/. DF: INCTI/UNB, 2015. BRASIL, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura** - São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREITAS, Dilermando. **Pedagogia da Mironga: saberes griôs.** 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2025.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. **Infâncias monotônicas – Uma rapsódia da esperança – Estudo psicosocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa.** 2007. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século xx;** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRI, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.